

Oficina de Historia/ C.E.A.

NOTAS PRELIMINARES PARA O PROJECTO/:

"Antologia de textos de "O Africano" e "O Brado Africano"
(1911- 1932)

- Valdemir Zamparoni

- Paulo Soares

Maputo, 1982.

1

CARACTERIZACAO PRELIMINAR DO PROJETO

"A Literatura Moçambicana surge como expressao mais alta da "cultura aculturada"⁽¹⁾ no nosso pais, ela nasce como forma de ree-creacao, protesto, reivindicacao e, finalmente, conscientizacao, naquele segmento da sociedade moçambicana cuja insercao na economia colonial conferiu acesso à escolarizacao."

(...)

"Historicamente, é primeiro nos jornais que se denuncia o racis- mo vigente, as injusticas sociais; que se faz a defesa dos direitos dos "indigenas"; que se fazem reivindicaçoes operarias e se animam açoes grevistas.

E' através dos jornais que a emergente burguesia local contesta as relacoes economicas de desfavor que a metropole lhe impoe e, por esta via, aparecem incorporados na Literatura Moçambicana, ~~XXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXX~~, os portugueses liberais residentes, componentes importan- tes."

Luis Bernardo Honwana - Literatura e Ideologia, palestra apresentada à U.E.M. in TEMPO, nº 580, 22/11/81, pp. 54-60.

(L). conceito utilizado com relutancia explicita pelo autor:

" Mas por toda a legitima relutancia que possamos ter, como expediente de analise, tomemos de emprestimo este conceito. E fazemos^a ginastica necessaria para aceitar esta caracteris- tica estranha de a "aculturacao" nao se poder considerar às avessas porque, entao, ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~ passa a chamar-se / "cafrealizacao". Vamos admitir, portanto, que em Moçambique coexistem uma "cultura tradicional" e uma "cultura aculturada."

A reivindicação da ascendência da Literatura Moçambicana no período final da monarquia portuguesa; a ignorância que hoje persiste acerca deste período da nossa história, objectivamente provocada pelo obscurantismo cultural colonial fascista, visando alienar a consciência histórica do povo moçambicano, por si só justifica que nos debruçemos sobre os jornais o "O Africano" (1911-19) e "O Braço Africano" (1918-32) visando uma antologia de textos que atinja o maior público possível.

Para tanto, procuramos seleccionar editoriais, crónicas e cartas de leitores, publicadas ao longo ^{de} décadas, e ~~xxxxx~~ com uma expressão literária mais elaborada e atraente. Sem dúvida que os textos denotam visões parcelares da realidade moçambicana, na medida em que são frutos de interesses de classes ou segmentos destas, diversamente integrados na economia colonial.

2. Organização da Antologia

A Antologia será organizada da seguinte forma/:

- a) Introdução:- onde se apresentam as características do trabalho, se faz uma breve resenha objetivando localizar histórica, política, económica, social e culturalmente a época, o papel desempenhado pelos jornais em estudo, nesta mesma sociedade.
- b) Antologia Temática:- o critério inicial para a selecção preliminar dos textos baseou-se (i) na própria organização temática apresentada pelos jornais, (ii) na diversidade de perspectivas que pudessem reflectir diferentes interesses sociais e (iii) de forma a mostrarem diversos aspectos da realidade moçambicana de então.

Até o momento agrupamos os textos nos seguintes itens:

- Ocupação e administração colônia;
- Atividades comerciais;
- Impostos, taxas e trabalho forçado;
- o mineiro "magaça",
- Relações raciais.

Posteriormente, com o avanço do trabalho, estes itens poderão ser alterados bem como ser-lhes dada à sequência uma articulação mais sólida.

c) Notas e Glossário:- As notas terão como finalidade situar individualmente cada uma das situações, factos, acontecimentos ou personagens mencionados nos textos.

O Glossário impõe-se quer porque uma série de palavras entraram em desuso, quer por terem mudado de / significado, quer ainda por aparecerem amiude expressões em Ronga, em Latim, em Inglês ou mesmo em corruptela do português ou seus vocabulos menos conhecidos.

d) Apresentação gráfica:- As gravuras, fotos, desenhos e mapas eventualmente utilizados, não terão como finalidade simplesmente ilustrar, mas sim complementar as situações abordadas nos textos.

Serão seleccionados entre material existente no Arquivo Histórico, Museús e outras fontes, bem como se contará com a participação de artistas plásticos moçambicanos.

3. Programa de trabalho

- Fevereiro/Agosto :- leitura e selecção preliminar de textos;
- Maio :- Apresentação do projecto preliminar para discussão à Oficina de Historia do C.E.A. e à Associação dos Escritores;
- Agosto/Outubro:- Selecção final, elaboração de Introdução, Notas, Glossario e arranjo grafico.
- Novembro:- apresentação à critica final; Of. de Historia e A.M.E.
- Dezembro/Janeiro:- Revisão final e entrega para publicação.

4. Levantamento de questões e hipóteses sobre a caracterização histórica da época e dos jornais.

a) Referencial historico:-

O Estado Colonial que se implantava em Moçambique nos alvares do século, tentava organizar o seu poder politico no Sul do Save, depois das vitórias alcançadas após 1895 com a prisão do Gungunhana, enquanto que no Norte a ocupação militar encontrava uma forte resistencia liderada pelos senhores escravistas do litoral, ou prevaemente também em zonas de tradicional resistencia à acção dos saqueadores de escravos (Mueda, Erati, etc.).

No Niassa procurava-se canalizar a sua até então prevaemente função de exportador de escravos para o litoral em exportador de trabalhadores para as minas (1908).

No Centro, as Companhias de Moçambique e da Zambézia instalavam as suas infraestruturas (caminhos de ferro, estradas, pontes, etc.) e iniciavam novas formas de exploração rural; grandes plantações, imposto, trabalho forçado. Em algumas re

gões do Vale do Zambeze, a aristocracia descendente dos antigos prazeiros, aceitando compulsivamente a abolição do tráfico de escravos, mantém o poder em suas mãos de forma autônoma, reproduzindo as antigas relações de dominação, contra os interesses do Estado colonial, antagonismo que se eclodira de forma definitiva em 1917 com o predomínio do Estado Colonial.

A ocupação do Sul de Moçambique, compelida pelos interesses britânicos na África do Sul, de obtenção de serviços ferroviários e de trabalhadores para as minas do Rand, leva à mudança da capital do poder colonial, da Ilha de Moçambique para Lourenço Marques, passando esta antiga feitoria a desfrutar de um grande desenvolvimento urbano, muito dependente também dos serviços a prestar a emigrantes da colônia ou estrangeiros que circulam para as minas de ouro.

A função do Estado recém instalado era garantir o funcionamento das infraestruturas de serviços e de fornecimento de força de trabalho para as minas. A sua ação prática restringia-se a um poder efetivo, pouco além do Save. Suas receitas provinham das operações fiscais e alfandegárias, do acordo sobre exportação de mão de obra e das várias modalidades de impostos que procuravam atrair para os cofres públicos os rendimentos obtidos pelos mineiros na África do Sul.

Economia mais próxima da de saque, que caracteriza o anterior regime colonial, era apoiado pelos cantineiros desejosos mais em extorquir dinheiro de forma direta que em negociar e aproveitar a força e apoio do poder de Estado Colonial para enriquecer-se através da venda, quase única, do "vinho colonial".

Em Lourenço Marques, o comércio grossista era controlado fundamentalmente por capitais de origem sul africana, sendo x
r

raros os investimentos de origem indiana e portuguesa, enquanto que o retalhista/era quase monopólio destes.

Sendo a cidade principalmente prestadora de serviços, na sua maioria estatais e representações comerciais ligadas à navegação e comércio externo, absorvia um grande conjunto heterogeneo de pequenos funcionarios, operarios e trabalhadores urbanos das mais diversas origens.

O desenvolvimento urbano, a ampliação do seu mercado consumidor, a especulação comercial, a extração de mais-valia nas atividades agrícolas, criam as bases de acumulação interna para que se desenvolva um sector da burguesia colonial que progressivamente empreende ações ligadas ao comércio exportador e importador e paulatinamente investe seus capitais em industrias de transformação e de substituição de importações, que para além de suprirem o mercado interno, exportam, nalguns setores, excedentes para o Transvaal (sabao, oleos, etc.) .

b) Características socio-profissionais de Lourenço Marques

A leitura dos jornais indica-nos a existencia das seguintes categorias socio-profissionais em Lourenço Marques:-

- Aparelho de Estado:
 - Altos funcionarios em "comissao" (civis e militares)
 - pequenos funcionarios europeus e "filhos da terra"
 - militares subalternos europeus
 - operarios europeus
 - militares indigenas.
 - trabalhadores indigenas contratados ou forçados
- Serviços, Comercio, Industria e Agricultura:
 - Gerentes e directores ingleses/sul africanos
 - Advogados

- Proprietarios grossistas e industriais
- Proprietarios agricolas
- Cantineiros
- operarios europeus/ sul africanos
- comerciantes ambulantes e de bazar
- funcionarios administrativos e balconistas
- mineiros em transito para, ou do Transvaal
- trabalhadores indigenas assalariados e forçados.

c) quem escreve e quem le o "O Africano"

O crescimento do operariado e do funcionalismo urbano, e o desenvolvimento no seu seio de ideais republicanos e, anarco-sindicalista e socialistas importados da Europa atraves de proprios colonos, muitas vezes deportados por motivos politicos, para a colonia, aliado à exploracao capitalista, em moldes modernos e sem as anteriores relacoes paternalistas, que se desenvolvia aceleradamente, criam um clima de descontentamento e de luta reivindicativa, que para além de porem em causa relacoes capitalistas, questionavam certas praticas coloniais.

O ascenso do movimento republicano que em 1910 derruba a monarquia portuguesa, trixe à tona os seus ideais de "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" que foram tomados como objetivos a serem concretizados pela "missao civilizadora" do novo Estado colonial, agora republicano, nao so por pequenos funcionarios e operarios de origem europeia, bem como pelos "filhos da terra", que, nascidos em Moçambique, eram racicamente pretos, mulatos e brancos, que de formas diferentes ~~xxxxix~~ sofriam e reagiam diante das discriminacoes a que eram sujeitos pela sua origem.

O "O Africano" surge neste contexto de transicao do antigo Regime para a Republica, como veiculo da luta reivindicativa

destes estratos sociais, que poderemos considerar como sendo o embrião de uma emergente pequena burguesia local.

A propriedade, direcção e fundação do "O Africano" esta ligada à familia Albasini, que à semelhança de outras surgidas ao longo do processo de ocupação colonial mercantil, se destacam de forma proeminente na colonia.

Os irmaos Albasini, dirigentes do jornal, eram netos de um antigo comerciante e caçador profissional que fora nomeado vice-consul portugues no Transvaal e seu pai casara-se com uma princeisa do Maxaquene, dentro de uma pratica de alianças de poderes tipica do periodo da exploracao colonial mercantil.

A sua ascendencia abre-lhes caminho para a escolarização e mais tarde, quando do crescimento urbano de Lourenço Marques, / para cargos médios no Aparelho de Estado. Joao Albasini (Diretor) era encarregado dos trabalhadores indigenas dos Caminhos de Ferro, seu irmao José (Editor), era despachante comercial.

O jornal "O Africano", para além de Editoriais, notas da redacção, noticiario internacional, continha cronicas e artigos de autores diversos; Pequenos funcionarios de Lourenço Marques e Provincia, operarios, comerciantes e altos funcionarios do Aparelho de Estado. Recebia ainda cartas de leitores de quase todas as categorias socio-profissionais atraz indicadas, que constituiam a sua base de leitores, contendo ainda, durante o maior periodo de sua existencia, uma secção em Ronga, que para além de notas da redacção, cartas e artigos de colaboradores e correspondentes principalmente entre professores indigenas das missoes, mineiros, pequenos funcionarios e vendedores ambulantes e do bazar, indigenas.

Diante de tao ampla gama de colaboradores, embora predominando a orientação da emergente pequena burguesia local; legalista, idealista e humanitaria, representada pelos dirigentes do jornal,

manifestam-se também interesses específicos, mas não antagonicos, de pperarios, prpprietarios agricolas, a ascendentes burguesia local e de funcionarios administrativos, tornando assim "O Africano", no "~~xxxx~~"jornal de maior circulação na Provincia de Moçambique". Sua distribui,ao atingia os centros urbanos de toda a Provincia, alcançava também a comunidade mineira moçambicana na Africa do Sul, além de ter representantes em Lisboa e inicialmente nos Estados Unidos.

Este caracter aglutinador de varios interesses de classes locais, persite até fins de 1918, quando o jornal deixa de pertencer aos irmaos Albasini.

d) A Trajetoria de "O Africano" :-

O jornal "O Africano" surge em julho de 1909 e deixa de ser publicado "por dificuldades financeiras" no 13º numero, voltando a aparecer em julho de 1911. De quinzenal, passa rapidamente a semanal e bi-semanal.

Podemos situar a trajetoria do primeiro periodo de "O Africano", ~~xxxxxxxxxxxx~~ como estando localizada entre dois momentos de profunda crise do poder politico colonial. Nasce quando o regime monarquico portugues, abalo pelo ascense republicano, não conseguia assegurar eficientemente o seu poder administrativo colonial. E' o momento em que os "filhos da terra", confiantes nos valores do novo regime republicano, ascendem no plano da luta politica, arrastando consigo e integrando-se através de "O Africano, distintos setores da sociedade.

A sua identificação, "apartidaria", com o republicanismo, leva-os à criticas das praticas coloniais de discriminação racial, injustiças sociais, ausencia de direitos de cidadania, inoperancia e excessos ilegais da administração colonial, mas nunca à constatação do sistema colonial enquanto tal.

A mudança de proprietários, no final da 1ª Guerra Mundial, coincide mais uma vez com a acentuada crise iniciada com a Guerra, que agudiza as contradições não só da sociedade portuguesa como moçambicana, bem como as próprias relações Metrópole/colônia, enfraquecendo o poder daquela nesta e aumentando as possibilidades de predomínio do capital britânico/sul africano, colocando em risco não só a integridade territorial da Província, como, e principalmente, os desígnios da burguesia colonial local.

O novo proprietário, Padre José Vicente do Sacramento, / ex-diretor das Escolas Portuguesas para Indígenas no Rand e ex-redactor de "O Africano", embora reivindicando inicialmente a herança do período anterior, depressa reorienta o periódico, colocando-o à disposição dos interesses desta burguesia local, ao mesmo tempo, os irmãos Albasini, fundam um novo jornal, agora explicitamente de carácter associativista, ligado ao Grémio Africano, ■ "O Brado Africano".

As reivindicações que caracterizam este último e curto período de "O Africano", são de nova forma e conteúdo. As denúncias estão voltadas principalmente às "grandes questões que afetam a vida da Província"; denunciam os acordos de fornecimento de Força de trabalho à África do Sul, que prejudica os interesses do capitalismo local, critica a inoperância da administração colonial no que diz respeito ao desenvolvimento das infra-estruturas comerciais e industriais, aproveitando contudo parte do discurso humanista anterior, de promoção cultural dos indígenas e operários, embora se mostrassem claramente contra aumento de salários, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ greves e "agitações".